

# É VERDADE ESSE “BILETE”: A PROBLEMÁTICA DA FAKE NEWS NA ATUALIDADE

Akyla Alexandre Tavares Vicente de Pessoa da Silva

Rayza Almeida da Hora Silva<sup>1</sup>

Foi em um livro de filosofia para Ensino Médio que aprendemos uma famosa frase de um monge anglo-saxão que nascera por volta do ano de 672 e morreu em maio de 735: “Há três caminhos para o fracasso: não ensinar o que se sabe, não praticar o que se ensina, e não perguntar o que se ignora.” Beda, o Venerável, nos marcou profundamente, desde então essa espécie de haikai (poemas objetivos de linguagem simples com temas referente ao cotidiano e a natureza), ganha um significado ainda maior e em todos os projetos sociais que participamos, em nossa vivência universitária, na partilha da vida em comunidade, nos perguntamos: “estamos dividindo ou capilarizando o conhecimento que estamos construindo? Na vida cotidiana, as nossas práticas são coerentes com os nossos discursos? E por último, estamos questionando, os porquês das coisas que vêm sendo negligenciadas ou ignoradas?”

Nosso objetivo é fazer com que possamos, todos nós, refletir sobre a atomização de tantas notícias falsas, as famosas “Fake News”, e o espaço que elas vêm obtendo em nossas relações, tanto nas esferas políticas e empresariais, como na área de segurança e saúde pública etc.. As “Fake News” estão presentes em nosso cotidiano, mas o que isso tem a ver com a ideia apresentada acima? A nossa vida universitária nos faz analisar e cogitar que a produção de conhecimentos e os projetos elaborados por essas instituições possam afetar de maneira direta a sociedade, ir além dos muros e portões dos centros acadêmicos. Fazer isso é dar utilidade àquilo que vem sendo produzido, devolver à sociedade todo o investimento feito por ela, no caso atual do Brasil. Todavia, para além das reflexões sobre papel das instituições de ensino superior na sociedade, as universidades estimulam os contatos, as interações para com as pessoas comuns, pessoas que não têm, talvez, acesso à escolaridade ou elas ficam restritas aos seus alunos?

Minha avó Lúcia é um exemplo que a universidade não contempla, em outras palavras, não é útil em nada para ela. Dona Lúcia não teve acesso a Teresa di Lauretis, Simone de Beauvoir, nem a Judith Butler, minha avó não sabe o que são as questões de gênero. Alguns diriam até que ela não tem obrigação de ter acesso a essas fontes, mas depois dela

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco  
E-mail: [akylatavares@gmail.com](mailto:akylatavares@gmail.com)  
rayzaa35@gmail.com

assistir a um vídeo pela internet, ela me disse que ideologia de gênero é “coisa do demônio”. O problema não é minha avó discordar das questões de gênero, mas sim utilizar um vídeo de quatro minutos que faz cair por terra anos e anos de estudos e teses, além disso utilizando uma entidade religiosa como causa principal da discordância.

Esse exemplo indutivo faz com que nos interroguemos: “se houvesse uma aproximação entre dona Lúcia e a universidade, através de projetos educativos, cursos ou um diálogo com a comunidade onde minha avó reside, esse horror às questões de gênero poderia ser evitado e o vídeo que ela recebera atacando as questões de gênero e colocando o “demônio” como argumento principal poderia ser facilmente falseado?”

Além disso, como dizer para minha avó que não existe ideologia de gênero, mas questões de gênero? Como explicar a ela que existe uma diferença entre o aparato biológico, no caso, o sexo, e o aparato cultural, no caso, gênero, sem que ela diga: “eu não concordo”? São essas notícias que uma senhora de 65 anos de idade recebe em suas redes sociais são as informações noticiosas que não representam a realidade, mas que são compartilhadas na internet como se fossem verdadeiras, principalmente através das redes sociais. Minha avó tem raiva desse tema. Essa problemática, fake News, pode reverberar em calúnia, injúria e a pessoa começar a duvidar de tudo e questionar até o que é considerado, factualmente, como verdade.

- “Vó, estou dizendo isso, pois sou aluno de Ciências Sociais, não me faz melhor ou pior, mas algum conhecimento tenho sobre esse assunto, é meu campo de estudo”.

- “Eu sei, mas não concordo e pronto.”

Fazendo uma alusão a Beda, o Venerável, a universidade ensina aquilo que sabe? Pratica o que ensina? Questiona o que está sendo ignorado?

Por isso torna-se necessário, mais do que nunca, trazer à pauta os paradoxos da pesquisa científica nas Universidades brasileiras e como a devolutiva deste conhecimento à sociedade têm sido insuficientes. A fim de esclarecer essa questão, analisaremos o tema desde as origens às principais consequências dessa problemática.

Por fim, discutiremos como as *Fake News* têm manipulado e influenciado o comportamento da população brasileira em questões micro ou macrossociológicas e como tudo isso afeta o equilíbrio social e favorece a probabilidade de rupturas.

### **Informação vs Conhecimento**

“... o conhecimento não pode ser descrito; o que se descreve é a informação. Também não depende apenas de uma interpretação pessoal, como a informação, pois requer uma vivência do objeto do conhecimento. Assim, o conhecimento está no âmbito puramente subjetivo do homem ou do animal. Parte da diferença entre estes reside no fato de um ser humano poder estar consciente de seu próprio conhecimento, sendo capaz de descrevê-lo parcial e conceitualmente em termos de informação, por exemplo, através da frase "eu visitei Paris, logo eu a conheço" (supondo que o leitor ou o ouvinte compreendam essa frase). A informação pode ser inserida em um computador por meio de uma representação em forma de dados (se bem que, estando na máquina, deixa de ser informação). Como o conhecimento não é sujeito a representações, não pode ser inserido em um computador. Assim, neste sentido, é absolutamente equivocado falar-se de uma "base de conhecimento" em um computador. O que se tem é, de fato, é uma tradicional "base (ou banco) de dados.” “Dado, Informação, Conhecimento e Competência”. In: W. Setzer, Valdemar. Valdemar Setzer: Dado, Informação, Conheciment... <http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/dado-info.html>”

Partindo dessa perspectiva de Valdemar Setzer, a informação é o acesso a algum dado (o dado pode ser verdadeiro ou falso). Os objetos como computadores, celulares, não portam conhecimento, mas dados. Só existe uma máquina capaz de desenvolver conhecimento, essa é a humana. Fazendo uma metáfora a informação é como uma lista. São “coisas”, talvez, decorativas. A informação pode ser algo utilizado para resolver alguma dúvida. Além disso, com base no livro: *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa!* Informação é cumulativa e sozinha não produz grandes coisas. Ela não tem compromisso com o todo e não há muito tempo de duração. Informação é a minha avó, por exemplo, ter acesso que “ideologia de gêneros são coisas do demônio”. Segundo o livro, supracitado a informação difere do conhecimento, pois o conhecimento propõe seletividade.

Conhecimento é o aprofundamento da informação. Conhecer algo significa entender onde a informação se integra. Conhecimento é compreender que a maior parte de um iceberg se encontra submerso e não a mostra, na superfície. Pois o conhecimento compõe um todo. Mais uma vez, ressalto vovó: “as questões de gêneros são importantes a partir de certa perspectiva ou não...”

Se consultarmos a etimologia desta palavra, “conhecimento” quer dizer “saber junto” – do latim *cognoscere* “vir a saber, reconhecer,” de *co-* “junto” + *gnoscere* “saber”. Isso propõe uma construção, análise, avaliações. Isso é conhecer, aprofundar as informações recebidas e adquiridas.

## FORMAÇÃO DE PROFESSORES COMO UMA FERRAMENTA DE COMBATE AS FAKE NEWS

Como já fora mencionado, o fácil acesso as mídias sociais facilitam a disseminação de Fake News. Alexander, 2011, coloca que “criar e consumir ‘estórias’ digitais é tido como apelativo”, esse fato se encaixa de modo perfeito com relação as Fake News já que as manchetes chamativas se apropriam do medo e da ignorância das pessoas para disseminar o terror, e por vezes o ódio.

Nos últimos anos, houve um crescente nas problematizações do uso das mídias sociais em sala de aula, porém, a discussão ainda é limitada. Atualmente cursamos o 7º período da licenciatura e apenas uma cadeira falou sobre o assunto. A formação deve ser pensada de modo continuado e com base nas relações entre professor e aluno.

O professor não ensina o aluno a ser crítico, mas entrega ferramentas que auxiliam no caminho da criticidade. “A literacia crítica dá aos indivíduos o poder sobre as suas culturas e, assim, permite que as pessoas possam criar os seus próprios sentidos e identidades e desenhar e transformar as condições materiais e culturais das suas sociedades” (Kellner & Share, 2005, p. 381).

Tardif e Raymond (2000) colocam que “a carreira é, portanto, fruto das transações contínuas entre as interações dos indivíduos e as ocupações; essas transações são recorrentes, ou seja, elas modificam a trajetória dos indivíduos bem como as ocupações que eles assumem.”. Desta forma ressalto a formação dos professores como um ponto chave e fundamental contra a disseminação de fake News.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho se debruça sobre o estudo e entendimento das Fake News o seu impacto sobre a sociedade de um modo geral, fazendo com que, por vezes, o profissional das humanidades – seja ele professor ou não – seja desacreditado com base em um vídeo de 3 minutos ou uma manchete pretenciosa e reafirmamos o compromisso da educação como um processo contínuo e fundamental contra essa prática.

## REFERÊNCIAS

Kellner, D., & Share, J. (2005). Toward Critical Media Literacy: Core concepts, debates, organizations, and policy. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 26(3), 369– 386.

Alexander, B. (2011). *The New Digital Storytelling. Creating Narratives With The New Media*. Santa Barbara, California: Praeger.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, vol.21, nº 73, Dezembro/00. Disponível em Acesso em 29/09/2012

CORTELLA, Mário Sergio; DIMENSTEIN, Gilberto. *A Era da Curadoria: o que importa é saber o que importa! (Educação e formação de pessoas em tempos velozes)*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2015.